

# Atlântico Expresso

Fundado por Victor Cruz - Director: Américo Natalino de Viveiros - Director-Adjunto: Santos Narciso - 8 de Abril de 2019 - Ano: XXXII - N.º 1707 - Preço: 0,90 Euros - Semanário

## Nota de Abertura

### Misturas perigosas

À medida que se aproxima o período eleitoral, que nos Açores, desta vez, comporta Europeias, Nacionais e Regionais, em menos de 18 meses, cresce a actividade política e partidária de uma forma cada vez mais acelerada e com contornos difíceis de interpretar pelo cidadão comum que vive o seu quotidiano sem andar pelos corredores do poder e dos partidos.

Há uma grande dose de desorientação potenciada pelo poder diferente que se vive desde o advento das redes sociais. Os actos políticos e os comportamentos sociais e até pessoais dos políticos são cada vez mais escrutinados e de forma cada vez mais aberta e concreta.

Não é de admirar que a classe política esteja no topo da tabela quando se fala na mistura de interesses pessoais e económicos com os lugares que ocupam e com a forma como os deviam desempenhar.

A única maneira que existe para mudar esta concepção de que “política e honestidade não cabem na mesma pessoa” é mesmo a mudança de comportamento dos políticos, coisa que está difícil de acontecer, um pouco por todo o lado, embora o que mais nos interesse seja aquilo que se vive bem perto de nós.

É mau para os políticos do poder que se ande a anunciar repetidamente obras e mais obras, que já foram anunciadas vezes sem conta. É mau que se repita até à exaustão que vão ser criadas camas e mais camas nos hospitais e nos lares, quando tudo continua na mesma e dentro de um ano estaremos a falar da mesma coisa, das mesmas listas de espera, das mesmas famílias a braços com um lugar decente para um idoso ou duma creche para os filhos.

É mau o que está a acontecer com mais um concurso para o porto de Ponta Delgada, com dezenas de milhões de euros, em pleno ano eleitoral, depois de já estarmos há dez anos à espera de obras num velho porto que cai de velho e não responde às necessidades de São Miguel. É mau que na Terceira se acene com repetitivos estudos sobre o futuro do porto da Praia da Vitória e sobre o cais de cruzeiros que continua no papel e já foi de Angra e já saltou para a Praia e não se sabe onde ficará.

É mau que na cidade da Horta as obras no porto e na mais bela baía dos Açores sejam decididas sem ouvir que ali vive, quem conhece verdadeiramente aquele mar e quem tem o saber de séculos que não se aprende em bancos de universidade nem em gabinetes técnicos. Mas já ninguém fica admirado porque a teimosia de não ouvir “os homens do mar” tem levado a que quase todas as obras portuárias dêem para o torto e sejam, quase sem excepção, objecto de reformulação, gastando rios de dinheiro que bem poderia ser aplicado em outros sectores.

Isto para falar apenas em alguns sectores, em que a ânsia de anunciar supera o valor da prudência do ouvir e do estudar. O célebre Plano sobre Turismo Sustentável ainda anda pelos gabinetes dos “entendidos” e ainda nem sabemos que tipo de turismo se requer para o futuro dos Açores, mas o anúncio de “hotéis-monstro” continua, em Ponta Delgada, com a Calheta à cabeça da lista, na Ribeira Grande e agora em Vila Franca, com mais 500 quartos, em cima da mais bela e secreta praia, como é a do Degredo.

Não se pode hipotecar o futuro em nome desta onda de novidade sobre os Açores que terminará logo que os turistas vejam que afinal nos tornámos iguais aos outros.

E, pior do que tudo isto, é quando se põe a economia ao serviço dos interesses políticos. Se é verdade que é a economia que deve seguir as linhas definidas pela política, mais verdade é que não pode haver promiscuidade entre ambas as partes. Principalmente quando estão eleições em causa! Como agora!

Santos Narciso

## Professor Victor Gonçalves à procura dos primeiros a habitar nas ilhas Investigadores cada vez mais perto de descobrir quem terá ocupado os Açores em primeiro lugar



Em 2011, um trabalho de investigação que pretendia, num primeiro momento, perceber que impactos teriam sido provocados na Lagoa Azul pelas alterações climáticas, trouxe aos investigadores envolvidos um conjunto de registos que provam que, nas zonas envolvas à lagoa em questão, já existia actividade humana através da prática da agricultura ou da desflorestação de grandes áreas. Agora que já foram publicados vários dados, a investigação prossegue no sentido de procurar saber quem terão sido os primeiros a chegar aos Açores e em que ilhas se terão fixado.

págs. 2 e 3

## Padre Hélio Soares: “É algo de muito forte e via-se nos rostos deles” Romeiros das Capelas terminaram Sábado a romaria com lágrimas nos olhos



Nem de propósito, nas romarias, para além da motivação individual de cada participante “cria-se uma dinâmica de grupo, de proximidade, de partilha e de solidariedade, em que uns auxiliam os outros e todos sofrem e se alegram em conjunto”, referiu aquele sacerdote que além de ouvidor é pároco das Capelas e de São Vicente Ferreira, duas das oito paróquias da ouvidoria.

pág.6

Intercâmbio entre romarias  
queresmais e caminhadas  
a Santiago de Compostela  
unem tradições de sítios  
diferentes numa ampla  
espiritualidade

pág.8

“O Tremor transmite  
uma experiência de  
vivência que se cruza  
com o sentir e o estar  
na ilha”, afirma Ana  
Bragança

págs. 4 e 5

# Investigadores cada vez mais perto de descobrir quem terá ocupado os Açores em primeiro lugar

*Em 2011, um trabalho de investigação que pretendia, num primeiro momento, perceber que impactos teriam sido provocados na Lagoa Azul pelas alterações climáticas, trouxe aos investigadores envolvidos um conjunto de registos que provam que, nas zonas envolventes à lagoa em questão, já existia actividade humana através da prática da agricultura ou da desflorestação de grandes áreas. Agora que já foram publicados vários dados, a investigação prossegue no sentido de procurar saber quem terão sido os primeiros a chegar aos Açores e em que ilhas se terão fixado.*

Ao contrário daquilo que dizem os livros de história quando indicam que sete das nove ilhas dos Açores terão sido descobertas no ano de 1427 por Diogo de Silves, sucedendo-se a colonização do arquipélago por Gonçalo Velho, a realidade é que, de acordo com os estudos que têm vindo a ser desenvolvidos no âmbito da paleolimnologia por investigadores da Universidade dos Açores e de outras academias espanholas (Universidade de Barcelona, Universidade da Corunha, Instituto de Ciências da Terra Jaume Almera) e portuguesas (Universidade de Lisboa), o homem terá chegado aos Açores ainda no século XIII, por volta do ano de 1290.

A investigação em causa, iniciada em 2011 e com resultados publicados pela primeira vez em 2017, prolonga-se ainda hoje por intermédio de dois projectos, um deles intitulado “PaleoModes”, financiado pelo Ministério da Economia e Competitividade de Espanha, e o segundo intitulado “DiscoverAZORES”, recentemente aprovado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia e que é liderado pelo investigador Pedro Raposeiro do Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos (CIBIO-Açores) projecto este que tem como principal objectivo perceber quando realmente foi descoberto o arquipélago, bem como “tentar encontrar pistas para perceber quem poderiam ser os primeiros povoadores destas ilhas” e que condições climáticas favoreceram a sua chegada, adianta Vítor Gonçalves.

Em causa estão os dados entretanto recolhidos, uma vez que apontam “não apenas para a descoberta ou visitas esporádicas mas sim para um povoamento”, conclusão alcançada, por exemplo, através dos indícios encontrados relativamente ao abate de árvores e ao cultivo de espécies exóticas encontrados sob a forma de fósseis nos sedimentos das lagoas de algumas ilhas, levando a crer que a presença humana já se fazia sentir nas zonas envolventes desses lagos e que “já se praticava agricultura nessas zonas”, explica o investigador, salientando que, numa primeira fase, os resultados mais significati-



Professor Victor Gonçalves à procura dos primeiros descobridores dos Açores

vos foram encontrados nas Sete Cidades, em concreto na Lagoa Azul.

As respostas encontradas desde 2011 pelo grupo de investigadores envolvidos nos projectos relacionados com esta temática não poderiam corresponder a uma descoberta ocasional tendo em conta que, nesses casos, “não seriam deixadas grandes marcas nos lagos”, adiantando que foram ainda encontrados palinóforos de fungos coprófilos, por outras palavras, “vestígios de fungos que se desenvolvem e reproduzem em fezes de animais de grande porte, como por exemplo ovelhas e cabras”, todos eles correspondentes ao final do século XIII, adianta Vítor Gonçalves.

Conforme publicado no estudo que motivou o projecto “DiscoverAZORES”,

na Lagoa Azul foram ainda encontradas no perfil sedimentar da lagoa “evidências do cultivo de cereais na zona das Sete Cidades”, também estas correspondentes ao século XIII, através da presença de pólen que ficou preservado e, por conseguinte, ficou fossilizado no sedimento. As características deste tipo de pólen impedem que seja disperso naturalmente a grandes distâncias e por se tratarem de espécies exóticas na Região, só poderiam ter surgido naquela zona por introdução humana.

“Os esporos de fungos coprófilos aparecem exactamente no mesmo período em que apareciam os cereais, e estes dados indicam que já tínhamos a presença de mamíferos de grande porte na ilha de São Miguel por volta de 1290, mais ou menos ou 40 anos, e o conjunto destes indicado-

res confirmam a presença humana na ilha nesse momento”, explica o investigador da Universidade dos Açores.

Apesar de alguns dados referentes a esta investigação terem já sido publicados em 2017, há, no entanto, outros resultados que não foram ainda tornados públicos e que também são fortes indicadores que reforçam a tese de que os Açores já teriam sido povoados antes da chegada dos portugueses às ilhas.

Um destes dados está relacionado com alguns biomarcadores moleculares recolhidos que são referentes a “moléculas químicas que são produzidas, por exemplo, no trato digestivo dos vertebrados, alguns exclusivamente humanos”, nomeadamente alguns esteróis, que são reveladores da presença humana, refere o investigador e professor universitário.

“Estamos a falar de lípidos como o colesterol e os seus derivados, coprostanol e o epi-coprostanol que, embora possam ser produzidos por alguns animais, tal como os invertebrados que também produzem colesterol, a proporção entre estes compostos determinada por rácios testados e validados bioquimicamente, dão-nos indicações seguras da sua origem humana e, consequentemente, da presença humana na zona das Sete Cidades. Estas evidências químicas da presença humana são encontradas nos sedimentos no mesmo período em que aparecem as alterações da vegetação com aparecimento de cereais e de fungos coprófilos”.

Assim sendo, estes são já “três fortes indicadores da presença humana” em São Miguel durante o período anterior ao (re) descobrimento e povoamento feito pelos portugueses, salientando Vítor Gonçalves que estes são “indicadores independentes” que, para além disso, parecem ser comuns a mais do que uma ilha do arquipélago.

## Encontrados indicadores semelhantes noutras ilhas dos Açores

Apesar de a maior parte do estudo se ter

centrado essencialmente na Lagoa Azul, onde se encontraram os primeiros registos de civilização referentes ao ano de 1290, também outras lagoas situadas noutras ilhas do arquipélago foram estudadas, nomeadamente a Lagoa do Peixinho, em São Roque do Pico, obtendo dados preliminares que, depois de analisados devidamente, “confirmam também a presença humana noutras ilhas neste período, ou seja, nos primeiros 250 anos do segundo milénio”, afirma Vítor Gonçalves.

De acordo com aquilo que o grupo de investigadores portugueses e espanhóis partilharam já numa conferência, os dados analisados apontam que “antes do ano 1200 já existia no Pico a presença de animais”, diz o professor da academia açoriana, uma vez que ali foram encontrados sinais que correspondem aos padrões de povoamento registados na história, que dizem respeito, num primeiro momento, à libertação de animais e, em seguida, a uma fase de desflorestação.

Assim, e de acordo com o investigador açoriano, na ilha do Pico “a desflorestação é prévia àquela que é a data de povoamento oficial dos portugueses. Isto é, o abate de floresta nativa e a substituição por espécies oportunistas ocorreu em primeiro lugar e o mato começou a crescer, fazendo com que tenhamos uma prevalência de mato onde antigamente era floresta”, áreas desflorestadas estas que foram progressivamente ocupadas por espécies exóticas de usos agrícolas, florestais ou invasoras como o pinheiro, a criptoméria ou a hortênsia, explica.

Porém, estes padrões não foram apenas encontrados na ilha de São Miguel ou na ilha do Pico, adianta Vítor Gonçalves, afirmando que também existem dados referentes às ilhas das Flores e do Corvo, alcançados a partir das mesmas metodologias, “embora sejam ainda resultados preliminares (...), mas todos os dados recolhidos estão a convergir para o mesmo período, nomeadamente entre o ano 1000 e o ano 1300”.

### Quem terá chegado aos Açores em primeiro lugar?

Para perceber quem poderá ter sido esta civilização nos Açores, o projecto “DiscoverAZORES” irá partir “fundamentalmente pela via das condições climáticas que existiam no período e que favoreciam a descoberta dos Açores, no sentido de perceber como é que essas populações chegaram ao arquipélago, para além de se saber que terá sido por via marítima”, mas para isso será necessário estipular quais seriam os padrões de circulação, nomeadamente no que diz respeito aos ventos que favorecessem a chegada ao arquipélago.

De acordo com Vítor Gonçalves, a chegada aos Açores deverá ter ocorrido ora por via indirecta, atravessando o Atlântico e regressando à Europa pela mesma via – encontrando as ilhas nesse entretanto – ou por via directa partindo desde logo da Europa.

Por esse motivo, o investigador afirma que será fundamental descobrir mais sobre o clima nos séculos anteriores aos descobrimentos: “Por mais interessante que seja descobrir outras terras esta necessidade está, muitas vezes, associada à procura de mais recursos, e isto poderia ocorrer num período que fosse climática-



Trabalhos de perfurações nas lagoas por parte dos investigadores para encontrarem indícios de outras civilizações antigas...



Os investigadores querem saber, ao certo, quem chegou aos Açores em primeiro lugar

mente desfavorável na Europa, como um período de seca em que existia menos produção agrícola e fosse preciso procurar outros recursos além-mar”.

Assim, é ao se saberem quais as rotas mais favoráveis que permitissem a chegada aos Açores que será também possível chegar à conclusão sobre quem terão sido os primeiros a povoar o arquipélago. No que diz respeito aos povos que poderão ter inicialmente ocupado as ilhas dos Açores, Vítor Gonçalves afirma que não há nenhuma certeza quanto a isso, mas entre as várias possibilidades encontram-se os povos que navegavam no Atlântico na idade média, como os vikings ou os fenícios.

Outro dos mistérios que, por enquanto, se encontra por resolver, para além da

identidade daqueles que terão encontrado o arquipélago primeiro do que os portugueses, está também nos motivos que terão levado ao abandono das ilhas após este seu primeiro povoamento, aspecto que segundo os dados recolhidos é evidente não só em São Miguel, adianta o investigador: “O abandono das ilhas é uma das coisas que estamos a tentar perceber, e ao que tudo indica também no Pico existem sinais de uma primeira ocupação, de um período de abandono e de um regresso, mas ainda é muito cedo para tirarmos conclusões”.

Para confirmação dos resultados até agora obtidos, o investigador açoriano dedicado ao projecto “DiscoverAZORES”, que envolve para além das academias atrás referidas a Universidade de Évora e a Uni-

versidade de Brown (EUA), adianta que será ainda estudado DNA antigo que, com o passar dos séculos se mantém ainda intacto: “Já temos alguns dados preliminares que recolhemos da Lagoa das Sete Cidades, embora não no âmbito deste projecto, mas estamos a estudar outros indicadores moleculares inequívocos, como o DNA antigo, quer de origem humana, quer proveniente de microrganismos que vivem associados ao homem”, adiantando que as amostras mais recentes foram colhidas na ilha do Pico e que seguiram agora para análise em laboratórios especializados utilizando as técnicas mais recentes disponíveis.